

**OITOCENTOS NO PLURAL: HISTÓRIA E LITERATURA
NOS TEMPOS MACHADIANOS 1838-1889**

Djalma Augusto dos Santos Mello

17 / 09 / 2015

A VIDA LITERÁRIA NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX

O século XIX no Brasil é considerado como um século de intensa produção e vida literária, tendo como precursores, os escritores Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Joaquim Manuel de Macedo, entre outros, escrevendo em periódicos e folhetins, publicando crônicas no "Jornal do Commercio" e no "Diário do Rio de Janeiro". A intelligentsia oitocentista, fazia a tradução de obras dos principais expoentes da literatura anglo-francesa, como Victor Hugo, Alexandre Dumas, Honoré de Balzac e Lorde Byron.

A atividade literária dos prosalistas e poetas foi de grande agrado para o público feminino, sobretudo, entre as estudantes, desde que tivesse uma intervenção dos conservadores cristãos, temerosos com algumas obras de ficção, que poderiam desvirtuar as iaiás, como as obras "O crime do padre Amaro" ,"O primo Basílio" e "Os Maias" do português Eça de Queirós. A nata intelectualizada frequentava livrarias que não passavam de quinze, buscando uma atmosfera mais civilizada na cena cultural carioca, colocando de uma forma agradável o convívio entre políticos liberais e conservadores, que falavam, é claro, de política e literatura, com

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

conversas em cafés e livrarias, frequentada por José Maria da Silva Paranhos [Barão do Rio Branco], Eusébio de Queirós, Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho. Os livros em livrarias tinham preços completamente fora da realidade, fazendo com que escritores e leitores, optassem por bibliotecas, como a Biblioteca Nacional frequentada inclusive por D. Pedro II ou a Biblioteca Fluminense, cobrando de 6\$000 para levar um exemplar para casa ou 12\$000 para obter um livro por semestre em 1858. O sebo Casa do Livro Azul era um forte concorrente das principais livrarias que ocupavam a Rua do Ouvidor. O proprietário francês, Albino Jourdan, abrusileirou a sua loja com o nome Jordão, vendendo livros muito baratos, com variedade, e era ponto de encontro de estudantes e políticos.

Os livros eram clássicos da literatura portuguesa e francesa, com pouca produção literária de autores nacionais. Os livros, por serem caros, ficavam nas prateleiras das livrarias, como bem definiu Machado de Assis: "A opinião, que devia sustentar o livro, dar-lhe voga, cercá-lo, enfim, no capitólio moderno, essa, com os heróis de Tácito, brilha pela sua ausência. Há um círculo limitado de leitores; a concorrência é quase nula, e os livros aparecem e morrem nas livrarias", escreveu o escritor em 1866. O Rio de Janeiro era uma ilha literária e cultural, em um oceano de iletrados. O cronista João do Rio cita em sua crônica "Os mercadores de livros e a leitura das ruas", publicada na Gazeta de Notícias em 1906, que os vendedores de livros percorriam morros, cortiços, ruas, vendendo livros para o povo, como a obra "A história de Carlos Magno" ou "Canaã" de Graça Aranha.

As tipografias funcionavam com livreiros-tipógrafos para a publicação de obras que se tornariam clássicos da literatura nacional como "O Guarani", "A Moreninha" ou "Memórias de um Sargento de Milícias", que custavam 2\$ em meados dos oitocentos e ponto alto do Romantismo no Brasil. d. Pedro II era um homem

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

também voltado para as letras, realizando saraus no Paço Imperial, com encontros quinzenais de poetas e prosadores como Taunay, Machado de Assis, Porto-Alegre, Carlos de Laet, entre outros. Em 1838 é criado o IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro) tendo como protetor da instituição d. Pedro II, mantendo o ciclo de intelectuais ao seu redor de uma forma paternalista e imperiosa.

Era inexistente a vida boêmia dos intelectuais, ou seja, o Rio era uma cidade diurna e nada noturna, bem diferente da Belle Époque parisiense, com limitados saraus no Rio. Em São Paulo e Recife ocorriam eventos byronistas, influenciando o comportamento dos jovens e com uma crítica bastante incipiente, com românticos que moldaram a cultura literária em um Brasil que encontrava-se em dois mundos: o dos letrados e dos iletrados.

A obra "O Guarani" de José de Alencar tinha um claro propósito de buscar uma identidade nacional através do romantismo com simbolismo de uma jovem loira portuguesa e um silvícola em um ambiente in natura e longe da atmosfera pomposa da Europa. O Romantismo no século XIX, buscou uma ruptura com a identidade portuguesa, tema polêmico e debatido pelo português José da Gama e Castro que dizia: "que os literatos eram brasileiros, porém a literatura que eles escreveram era portuguesa", contestado por Nunes Ribeiro ao colocar a língua como essência de identidade, buscando um determinismo geográfico de uma forma lírica e poética. Segundo o crítico literário e imortal da ABL Afrânio Coutinho, os românticos e os realistas desejavam romper com a literatura cristã-poética , anacrônica e estática , com um novo vigor intelectual e humanista.

A LITERATURA E A HISTÓRIA

Nos dois últimos quartéis dos oitocentos, Machado de Assis publicou obras e escreveu crônicas, tendo como pano de fundo a

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

História como elemento ficcional ou como um crítico do seu tempo, explorando em muitas ocasiões, o seu tradicional sarcasmo. O filósofo que encontrava-se em sua biblioteca particular era Schopenhauer que dizia: "História não é ciência, e sim ficção". Machado de Assis aplica com propriedade através das obras "Dom Casmurro" de 1899 que menciona a Lei do Ventre Livre de 1871 e "Memorial de Aires" publicado em 1908, citando a Lei Aurea de 1888. O historiador Raymundo Faoro fazia uma crítica pela falta de um estruturalismo mais abrangente dos fatos históricos. Machado de Assis orgulhava-se dessa miopia em uma crônica em que ele dizia: "Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto. Enquanto o telégrafo nos dava notícias tão graves como a taxa francesa sobre a falta de filhos e o suicídio do chefe da polícia paraguaia, coisas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número, coisas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam" (GLEDSON, John. Machado de Assis: história e ficção, pág 74.)

POLÍTICA ENTRE OS LETRADOS E OS ILETRADOS

O historiador José Murilo de Carvalho dimensiona a involução da participação eleitoral no Brasil entre 1821 e 1930. O problema era sentido na falta de quórum entre os votantes, tendo como o primeiro problema o analfabetismo que dominava o cenário brasileiro e o impedimento do Partido Conservador de reverter este quadro, comprometendo qualquer avanço de cidadania no país; além das fraudes. Entre 1824 e 1882, o votante deveria ter uma renda entre 100\$ e 200\$, mas não era um impedimento por ter sido um valor insignificante e desvalorizado no período citado. O sistema fraudulento aumentou após a criação da República, como bem citou Lima Barreto, resumindo muito bem em um trecho de seu livro A República dos Bruzundangas: "De há muito os políticos práticos

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

tinham conseguido quase totalmente eliminar do aparelho eleitoral este elemento perturbador - o voto". Em um país em que poucos encontravam-se numa ilha de letrados, cerca de 91% dos deputados regenciais tinham nível superior entre 1830-1833, subindo para 91,26% no período de 1834-1837.

O curso mais procurado era Direito tendo como principal instituição formadora, a Universidade de Coimbra, com 77,77% dos formandos que ocupavam uma cadeira na Câmara entre 1830-1833 e 70,42% entre 1834-1837. No Período Regencial, surgiram facções políticas com os moderados, caramurus e exaltados no Tempo Saquarema (assim eram chamados os conservadores que estavam no poder). Os Moderados eram simpatizantes do liberalismo político e econômico. O historiador Marcelo Basile cita o desejo do grupo de serem realizadas reformas políticas e sociais e a implementação de uma República Federativa e a consolidação de filosofias de Rousseau, Montesquieu, John Locke e Benjamin Constant como referências doutrinárias e os caramurus desejavam manter uma política centralizadora, monárquica e sem uma reforma na Constituição de 1824.

O exercício da cidadania amplia-se entre 1820-1824 com a escolha de juizes de paz nas freguesias e províncias. A historiadora Adriana Pereira Campos e o historiador Ivan Vellasco, citam a exclusão dos indivíduos do processo eleitoral, com mulheres, escravos e de homens menores de 25 anos, afastando cerca de 75,%. Mesmo assim, José Murilo de Carvalho fez comparações com outros países sobre participação eleitoral e constatou que o brasileiro foi superior 2% aos italianos, 7% aos ingleses e 9% aos portugueses em 1888. Os juizes de paz eram denominados "homens bons", mesmo com resultados antiéticos como clientelismo, corrupção ou apadrinhamentos em freguesias e distritos. A interiorização da política e do voto ampliou-se da Corte para áreas de puro bucolismo.

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

LITERATOS E O UFANISMO

A participação de literatos na vida política no Segundo Reinado ganha evidência em dois momentos da História do Brasil: a Questão Christie e a Guerra do Paraguai. O mal-estar que cresceu entre a Inglaterra e o Brasil, devido o saque no navio britânico Prince of Wales, a prisão dos marujos britânicos que praticavam arruaças pelas ruas do Rio de Janeiro e as exigências descabidas do petulante William Christie, colocou os britânicos em maus-lençóis, crescendo um sentimento antibritânico e um ufanismo entre poetas e prosadores. Gonçalves Dias queria o rompimento do Brasil com a Inglaterra, e que fosse alimentado o sentimento de ódio: "Fique em boa hora essa semente de ódio para o futuro: nem sempre seremos o que somos, nem eles o que são, e da Inglaterra tudo é preferível à sua amizade". Posteriormente, durante a Guerra do Paraguai, o patriotismo e o sentimento pró-Monarquia ganham força, com jornais e folhetins publicando informações deturpadas, comprometendo a veracidade dos fatos, sobretudo, a carnificina durante a guerra, com poetas enaltecendo um romantismo inexistente no conflito armado. Uma avalanche poética toma os principais jornais. Eis uma visão de Joaquim Nabuco:

Corra-se ao campo inimigo

A vingar-se a nossa honra,

A honra desta nação.

A quem vive em barbárie,

Quem não atende à justiça.

Fale a metralha e o canhão.

Vários poetas e prosadores, acalorados pelo sentimento nacionalista, participaram da guerra, vendo de perto os horrores do conflito, deturpado no Brasil, com um heroísmo enaltecido por muitos e soldados que pereceram, caindo no esquecimento. Com a

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

serenidade e polidez que lhe era peculiar, José de Alencar procurou mensurar o tamanho do estrago econômico pós-Guerra do Paraguai com uma leve crítica e com observações ácidas sobre o conflito, fruto, de algumas divergências entre o imperador Pedro II e o poeta.

TIPOGRAFIAS E LIVRARIAS NA RUA DO OUVIDOR

A cultura literária ganhou espaço no século XIX, principalmente, na segunda metade daquele século. Os primeiros livreiros chegaram no Brasil após a instalação da Corte no Rio de Janeiro. Os primeiros livreiros eram franceses, destacando João Roberto Bourgois e Paulo Martin com negócios na Rua do Ouvidor e ponto de encontro de intelectuais, definidos pela historiadora Tânia Maria Tavares como a "embrionária esfera pública literária" ou "esfera pública burguesa" na definição de Habermas. A intensa, atuante e rica produção literária francesa favoreceu uma rede cultural e literária entre o Brasil e a França.

Um dos livreiros mais respeitados foi o livreiro-editor Baptiste Louis Garnier, com publicação de autores brasileiros em Paris e editor de Machado de Assis. Francisco de Paula Brito foi também um importante livreiro e tipógrafo, reunindo a nata intelectualizada dos oitocentos, sendo criado o jornal A Marmota Fluminense, publicando poemas e resenhas, com a colaboração dos principais expoentes do Romantismo na música, literatura e nas artes. Na tipografia de Francisco de Paula Brito, foi criada uma sociedade denominada "Petalógica", cujo maior interesse dos letrados era contar petas, verdadeiras mentiras, com um estatuto mencionado por Machado de Assis, que, a única exigência seria a falta de seriedade nos encontros, informalizando o grupo e o próprio encontro. Os livros e a literatura foram fundamentais para moldar a cultura brasileira e o Rio de Janeiro, definido por Flora Sussekind como "Redescoberta do Brasil" e pela historiadora Tânia Maria Tavares como "meca dos trópicos" a cidade do Rio de Janeiro.

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

O respeito de d. Pedro II por Francisco de Paula Brito era público e notório, agraciado com o título livreiro-editor do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Paula Brito foi outro importante livreiro que reuniu a intelligentsia do romantismo na sua loja entre 1840-1860, na Rua do Ouvidor, como o poeta Antônio Gonçalves Dias, o romancista Joaquim Manuel de Macedo e políticos como José Maria da Silva Paranhos e Eusébio de Queirós. Sua livraria era ponto neutro para os políticos liberais e conservadores na Rua do Ouvidor, ocorrendo acalorados debates literários e políticos e muito bem descrito no conto "Tempo de Crise" de Machado de Assis e publicado em abril de 1873. Eis um trecho: "A Rua do Ouvidor resume o Rio de Janeiro. A certas horas do dia, pode a fúria celeste destruir a cidade; se conservar a Rua do Ouvidor, conserva Noé, a família e o mais. Uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloquente que exprime todos os sentimentos e todas as ideias". E ele continua com a sua interessante descrição: "Queres ver a elegância fluminense?

Aqui acharás a flor da sociedade - as senhoras que vêm escolher jóias ao Valais ou sedas a Notre Dame, - os rapazes que vêm conversar de teatros, de salões, de modas e de mulheres. Queres saber da política? Aqui saberás das notícias mais frescas, das evoluções próximas, dos acontecimentos prováveis; aqui verás o deputado atual com o deputado que foi, o ministro defunto e às vezes o ministro vivo. Vês aquele sujeito? É um homem de letras. Deste lado, vem um dos primeiros negociantes da praça. Queres saber do estado do câmbio?

Vai ali ao Jornal do Comércio, que é o Times de cá. Muita vez encontrarás um coupé à porta de uma loja de modas: é uma Ninon fluminense. Vês um sujeito ao pé dela, dentro da loja, dizendo um galanteio? Pode ser um diplomata. Dirás que eu só menciono a sociedade mais ou menos elegante? Não; o operário pára aqui também

para ter o prazer de contemplar durante minutos uma destas vidraças rutilantes de riqueza, - porquanto, meu caro amigo, a riqueza tem isto de bom consigo, - é que a simples vista consola" (ASSIS, Machado de. Escravidão e política, págs 42 e 43 .)

ESCRavidÃO E LITERATURA

Machado de Assis escreveu vários contos entre 1864 e 1906, tendo como temas a política e a escravidão de uma forma sistemática e cronológica. Sendo um escritor do século XIX, Machado de Assis colocou na escrita, o universo da falta de mobilidade social, patriarcalismo, hierarquia e lapidando o seu tempo com textos reflexivos e pertinentes. O conto "Mariana", publicado no "Jornal das Famílias" em janeiro de 1871, cita o amor impossível de uma escrava que se chamava Mariana pelo sinhozinho. Eis o diálogo:

"(...) Que tens tu, Mariana? disse eu: andas triste e misteriosa. É algum namorico? Anda, fala: tu és estimada por todos cá de casa. Se gostas de alguém poderás ser feliz com ele porque ninguém te oporá obstáculos aos teus desejos.

- Ninguém? perguntou ela com singular expressão de incredulidade.

Quem teria interesse nisso?

- Não falemos nisso, nhonhô. Não se trata de amores, que eu não posso ter amores. Sou uma simples escrava".

No diálogo, a escrava coloca-se em seu lugar. Lugar que ela tem consciência em pertencer, evitando ao máximo em debater com o seu senhor sobre o tema. No conto, Machado cria um envolvimento, por certo, muito leve entre a mulata e o nhonhô. O interesse do sinhozinho era evidente, encanta-se com o desejo da escrava e fica envaidecido, mas a impossibilidade de envolver-se por pertencer à elite, fez com que recuperasse a compostura emocional, colocando de lado a vaidade masculina e exigindo um equilíbrio emocional da escrava. O suicídio de Mariana diante dos olhos estarecidos do

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

Nhonhô evidenciou a opção pela morte da escrava, temerosa com a dor em vida com o casamento do seu grande amor e impossibilitada de viver este amor devido as diferenças e condições sociais. O tema escravidão foi explorado pelo escritor de uma forma ficcional em contos e na obra "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de uma forma meticulosa, mencionando a escravidão ilegal e os reflexos na sociedade. O historiador machadiano Sidney Chalhoub cita a entrada de 750 mil almas como escravos no Brasil após a Lei de 1831 que proibia o tráfico de escravos via Atlântico. Criticado por ter tido uma ascensão aristocrática e uma cultura robusta em um século com ampla maioria de iletrados, Machado de Assis não fez vista grossa com um tema que gerava embaraço dentro do país e fora dele. O escritor mencionou nos oitocentos o mal-estar que existia na época através do personagem Brás Cubas: "Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo" (cap. XXIV).

O notável escritor fugiu da sua tradicional observação jocosa para mostrar o lado sério do tema, como este trecho do prólogo de 1899 de Memórias Póstumas de Brás Cubas: "Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero [...]" colocando a escravidão como um crime hediondo em um mundo hipocritamente "civilizado" e em um silêncio doído por muitos que eram simpatizantes da liberdade e dos movimentos abolicionistas. Brás Cubas conclui a aberração que o incomodava: " Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares" (cap. XI). Em um mundo pautado no egoísmo, obscurantismo, inércia e extremamente mecânico, Machado de Assis usou e abusou da ironia em suas obras.

O dogmatismo e o puritanismo foram elementos fundamentais para um espetáculo literário com solilóquios para que pudesse "sair de si mesmo" na observação do escritor, também machadiano, Augusto Meyer com humor e sarcasmo. Suas obras eram o oposto dele mesmo, ou seja, um homem meticulosamente caseiro, discreto, com hábitos moderados, um bom marido, tímido e que encaixava-se com os padrões comportamentais de uma típica família nuclear oitocentista, mas as suas obras, mostram ironia e traição como elementos que dominaram a sua produção literária, sem vulgaridade e com muita classe.

Joaquim Nabuco também foi um observador e um crítico ferrenho do sistema escravista, citando como algo arcaico e ultrapassado na América. Nabuco coloca a escravidão como algo nefasto e perigoso economicamente para o Estado imperial, podendo gerar uma falência de um Estado que ficou comprometido economicamente pós - Guerra do Paraguai. Nabuco na obra O abolicionismo, o desdém de D. Pedro II com os rumos da escravidão e, fundamentalmente, a integração e força do Partido Conservador e os maus tratos da aristocracia rural, por terem ficados irritados com os movimentos abolicionistas. Mesmo com o fim da escravidão nas províncias do Ceará, Amazonas e Rio Grande do Sul, Nabuco preocupava-se com a inércia do Estado, eclipsado com o descaso de D. Pedro II, mas mantinha um certo entusiasmo com ele próprio, em um pronunciamento no Teatro Santa Isabel, em Recife de 1884, como uma marcha contra a escravidão:

"Vejo o horizonte coberto pelas águas dessa inundação enorme. Eu vi essa corrente, que hoje alaga o país como um rio equatorial nas suas cheias, quando ela descia como um fio de água cristalina do

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

cidos de algumas inteligências e das fontes de alguns corações, iluminados umas e outros pelos raios do nosso futuro. Eu o vi, esse rio já formado, abrir o seu caminho, como o Niágara pelo coração da rocha, pelo granito de resistências seculares. Vi-o quando, depois das cataratas, ele ganhou as planícies descobertas da opinião e desdobrou-se em toda a sua largura, alimentando por inúmeros afluentes vindos de todos os pontos da inteligência, da honra e do sentimento nacional; mudando de nome no seu curso como o Solimões - chamando-se primeiro Ceará, depois Amazonas, depois Rio Grande do Sul e hoje o vejo a despejar-se no grande oceano da igualdade humana, dividido em tantos braços quantas são as províncias, levando em suas ondas os despojos de cinco ministérios e a represa de uma legislatura, e eu vos digo, senhores, não tenhais medo da força dessa enchente, do volume dessas águas, dos prejuízos dessa inundação, porque assim como o Nilo deposita sobre o solo árido do Egito o lodo de que saem as grandes colheitas por forma que se disse que o Egito é um presente do Nilo: assim também a corrente abolicionista leva suspensos em suas águas os depósitos de trabalho livre e de dignidade humana, o solo físico e moral do Brasil futuro, do qual se há de dizer um dia que ele na sua prosperidade e na sua grandeza foi um presente do abolicionismo."(NABUCO, Joaquim. O que é o abolicionismo? Págs 76/77)

O Estado coercitivo impedia o avanço do homem livre, muitas vezes, usando o aparato jurídico e mostrando antipatia pela cultura mercantil industrial que adentrava sorrateiramente no Brasil. A política da Lei de Terras de 1850, impedia a venda e doação de terras, no entanto, muitos imigrantes e ex-escravos que não tinham terras, estavam sedentos por um pedaço de chão. Com isso, o Estado cria mecanismos para jogar as pessoas na mais profunda miséria urbana ou rural, se sujeitando as piores condições de trabalho, sendo daqui ou imigrante.

O capitalismo arcaico ou tropical, ganha notoriedade com a malha

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

ferroviária, beneficiando o comércio e a atividade econômica para o café e a volta do negro na condição de escravo. O Brasil era o coração escravista e o maior produtor de café no mundo em 1875, sendo que, o Rio de Janeiro tinha cerca de 280 mil escravos. São Paulo não era diferente e o número de escravos era superior ao do Rio, saindo de 29 mil escravos para 150 mil. Não existia reprodução de escravos, e sim, compra de escravos infantis, saindo mais barato para os senhores. Muitas escravas eram alcovas, servindo sexualmente os seus senhores. A historiografia tradicional do século XX seguiu uma linha marxista com a dualidade senhores-escravos e seus conflitos, mas existiam conflitos entre negros que viviam na África por causa das diferenças étnicas e entre os negros que viviam aqui por motivos diversos, sempre de uma forma silenciosa.

O ROMANTISMO COMO UM PROJETO NACIONALISTA

A escritora Flora Sussekind cita o romantismo como um projeto de integração cultural e geográfico nos oitocentos, citando o poeta Gonçalves de Magalhães como um dos primeiros precursores sobre a História do Brasil para moldar um país que estava em construção, visando uma identidade nacional e consolidar o conceito de pátria através da literatura. A revista pioneira era Niterói: "Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes" , com a epígrafe "Tudo pelo Brasil, para o Brasil" com publicações de artigos pelos principais intelectuais do Romantismo. Roger Chartier olha o século XIX como um século da sacralização do país através da literatura, da pintura e escultura.

A saudade era a força-motriz na literatura nos dois primeiros quartéis do século XIX, mas engana-se ao pensar que esta saudade era pelo país tropical. Sussekind menciona José de Alencar com as suas expressivas obras indianistas "O Guarani" (1857) e "Iracema" (1865) como obras escritas sem qualquer contato humano ou com a natureza, mas através de uma mediação com outros textos

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

literários e de um país que ele mesmo desconhece e só filtrado por fotografias produzidas na época. O estereótipo sobre o Brasil era grande, com a ajuda do IHGB, deturpando o Brasil, editando ou manipulando textos históricos e geográficos do país para impedir o avanço da brasilidade.

Os historiadores tentavam unificar a produção intelectual e cultural para unificar o próprio Brasil Imperial com cartografias, fotografias e textos em prosa e verso, tendo um amplo apoio do colaborador e incentivador d. Pedro II. Machado de Assis publicou um artigo no "Novo Mundo" em 1873, em defesa do poeta Tomás Antônio Gonzaga, um dos principais escritores do Arcadismo. Os escritores do Romantismo faziam críticas pelo fato de ele e os demais não terem construído uma literatura nacionalista em um momento que a tipografias não existiam, a liberdade de expressão e a brasilidade ainda eram um embrião nas obras de Aleijadinho, denominado pela escritora e filósofa Guimar de Grammont como neobarroco latino-americano, rompendo com o padrão estético europeu e incipiente. Machado de Assis citou-o da seguinte forma: "Gonzaga, por exemplo, respirando aliás os ares da pátria, não souberam desligar-se das faixas da Arcádia nem dos preceitos do tempo. Admira-se o talento, mas não se lhes perdoa o cajado e a pastora, e nisto há mais erro que acerto".

A democratização da literatura foi possível através da clandestinidade de obras que eram não aconselháveis para a pater família, sob forte influência luso-francesa. Nos oitocentos, não existia nenhuma lei contra a publicação de obras ou dar continuidade de certas obras em folhetins ou jornais pelo Brasil. O sucesso da obra "O Conde de Monte Cristo" de Alexandre Dumas no país foi tamanho que o Jornal do Commercio decidiu dar continuidade nas aventuras do personagem central, Edmond Dantés, com o folhetim denominado A mão do finado, aborrecendo Dumas com uma carta datada de 20 de outubro de 1853 contra o jornal. Muitos

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

leitores de Dumas acreditaram piamente que era uma nova saga do personagem, vendendo o folhetim que foi escrito pelo jornalista português, radicado no Brasil, Alfredo Possolo Hogan. Outro momento de publicação não autorizada, como pirataria literária, é a obra O Guarani, publicada primeiramente no Diário do Rio de Janeiro e reproduzido em jornais de Porto Alegre e prontamente protestado por José de Alencar, interrompendo a publicação no Sul do país.

Alguns autores do Romantismo brasileiro conseguiram uma façanha nas vendas em meados do século XIX, como o escritor Joaquim Manuel de Macedo, transformando a sua obra A moreninha em um verdadeiro best-seller, com mil vendas de seus livros. O escritor usou um interessante recurso para as suas vendas, além das poucas livrarias, a utilização de seus escravos. José de Alencar utilizou também escravos nas ruas, alcançando uma expressiva venda do best-seller Lucíola, massageando o ego desses escritores, apesar dos aborrecimentos com o amadorismo na produção de livros pelos tipógrafos. Falta de revisão ortográfica, substituição de palavras e palavras trocadas, gerava um certo temor com uma possível galhofa dos escritores menos flexíveis, fruto do arcaísmo em algumas tipografias. Memórias de um Sargento de Milícias torna-se o campeão de vendas, mas a temática mostra um lado conservador entre alguns literatos e burgueses da época e uma dialética surpreendente de Joaquim Manuel de Macedo com uma narrativa mais próxima do Realismo.

AS MULHERES

A maioria dos historiadores e estudiosos da sociedade brasileira do século XIX, sabem que este século nos deixou, como em nenhum outro século anterior, um expressivo número de documentos oficiais, cartas, obras literárias, crônicas, contos e artigos em jornais ou folhetins sobre o cotidiano e as relações de força entre senhores, escravas, forras e mulheres livres no século

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

citado. A historiadora Maria Odila, discípula do historiador Sérgio Buarque de Holanda, nos leva ao cotidiano e cultura urbana incipiente da sociedade paulista. A vida das mulheres nos oitocentos gerou interesse da historiadora, mencionando mulheres com descompostura, causando conflitos nas ruas, sobrados e numa condição desumana.

Quitandeiras, empregadas, forras e escravas que sentiam os efeitos do hiato social entre a sociedade burguesa e os excluídos. A nobre pesquisadora, fragmenta o estereótipo de uma sociedade absolutamente patriarcal, com o matriarcalismo urbano, colocando mulheres pobres; brancas e negras; forras ou escravas como líderes familiares, vendendo quitutes afro-brasileiros pelas ruas de São Paulo; ou viúvas que administravam negócios de seus falecidos maridos, mantendo a vitalidade comercial com escravos urbanos originariamente de Angola, Moçambique e Congo. Sinhás e sinhazinhas tinham aparições raras, devido o nível alto de badernas, criminalidade e hostilidade em São Paulo entre escravos, forros e ladrões em uma cidade que apresentava uma identidade cada vez mais urbana.

A atividade cultural ou intelectual das mulheres era nula, com a polarização do analfabetismo e uma educação com um propósito maternal, hierárquico, metódico e voltado para o estereótipo da mulher como objeto sexual, tanto para as brancas, quanto para as negras alforriadas ou não. A atividade manufatureira e caseira eram o ganha-pão de forras, escravas e mulheres livres, com a intensificação do plantio do algodão, porém as transformações do país no século XIX foram fundamentais para uma adaptação da sociedade com a abolição dos escravos, chegada dos imigrantes portugueses e italianos em São Paulo e a urbanização. Um processo "civilizador" corroborado com o positivismo, fundamental na transformação de São Paulo no último quartel dos oitocentos, transformando-se verdadeiramente, numa cidade multicultural e

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

cosmopolita, mas mesmo assim, segundo Taunay, a cidade da garoa só tinha uma única livraria, com uma produção literária limitada. São Paulo ganhava também o seu próprio "Instituto Histórico e Geographico de São Paulo", totalmente independente e regionalista, obtendo fôlego cultural e intelectual devido o apoio da oligarquia cafeeira na República Velha (1889 - 1930), rivalizando com o IHGB e alimentando também o nacionalismo e integração do país, através do arcabouço teórico do bandeirantismo no Brasil colonial.

Escritores do Romantismo retratavam as mulheres como seres passivos, casamentos arranjados como um meio social e mobilidade, tanto pelo homem, quanto pela mulher, geralmente, pessoas que pertenciam a mesma classe social. O conto de Machado de Assis, " Quem não quer ser lobo...", mensura a capacidade de um personagem ficcional chamado de Coelho, de envolver-se amorosamente com uma moça por puro interesse financeiro casando-se com a Lúcia, desde que obtivesse um ganho em um bom número de contos de réis. Suas impressões sobre a noiva tem um humor tipicamente machadiano ao descrevê-la da seguinte forma: "A mulher era positivamente um dragão, mas em compensação era herdeira de um par de contos de réis", segundo o personagem Coelho, diante da sua futura esposa. Como mulher prendada e passiva diante do marido, a sua feiura não ficou turva diante dos olhos de Coelho com mais esta descrição: "Ora, se a riqueza fazia de Lúcia uma das três Graças, a natureza tinha-a feito uma das três Fúrias. Uma testa curtinha, uns olhos vesgos, pequenos e apagados, um lábio superior oblíquo, umas faces grossas, tais eram os dotes negativos que recebera do berço. A inteligência era como os olhos, vesga, pequena e apagada. A educação, porém, fora algum tanto esmerada. Lúcia tocava piano, sabia muitas coisas de costura, desenhava bem e falava corretamente a língua francesa." (página 44)

O envolvimento das mulheres com a literatura era incipiente por volta de 1850. Poucas mulheres aventuravam-se no universo

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

literário, considerado pelos conservadores, pecaminoso e perigoso, podendo corromper o ceio familiar e escandalizar a sociedade. Algumas mulheres romperam com o paradigma de mulher submissa, criando jornais e escrevendo para um número limitado de leitores. Em 1852 foi lançado no Rio de Janeiro o Jornal das Senhoras, publicado e redigido exclusivamente por mulheres que escreviam sobre literatura, artes, moda e trivialidades que dominavam o universo feminino. A editora Joaquina Paula Manso de Noronha era uma feminista, não com a mesma filosofia de Simone de Beauvoir que dominou o sexo feminino no século XX, mas engajada com a liberdade de expressão e de escrever sem a intervenção de terceiros. A poetisa que era radicada em Resende (RJ) Narcisa Amália foi uma exceção no mundo das letras, obtendo respeito e credibilidade na Corte e em Resende. Publicou a obra "Nebulosas", tornando-se a maior poetisa do Brasil aos 20 anos de idade. Em 1873, a Câmara Municipal de Resende realiza uma grandiosa festa, saudando a poetisa, enaltecida como a grande escritora do Segundo Reinado.

UM SÉCULO EM TRANSFORMAÇÃO

O século XIX foi um século em transformação, e com um ligeiro atraso, o Brasil envolveu-se com a cultura francesa, tendo como parâmetro, a literatura e as artes. Nossos intelectuais leram os principais literatos como Victor Hugo, Alexandre Dumas, Gustave Flaubert e Charles Baudelaire. Charles Baudelaire foi um escritor do seu tempo, um byronista com a sua folie à française, um crítico da burguesia puritana. Publicou a obra "As flores do mal", escandalizando a hipócrita sociedade francesa, envolvendo-se amorosamente e socialmente com um mundo marginalizado e que encontrava-se em uma significativa mudança. Baudelaire tentou um suicídio aos 24 anos de idade por apresentar uma inércia que era tão comum entre os seus contemporâneos, devido a sua ojeriza pela burguesia e por fazer um exercício metafísico incompatível com o sistema, marginalizado como na metáfora da caverna platônica por

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

ter uma sensibilidade aguçada.

Envolveu-se em uma leitura, também presencial, com Stendhal, Delacroix, Sainte-Beuve, Nietzsche, Flaubert, Mallarmé e tantos outros, fomentando uma literatura moderna nos oitocentos. Nas artes, temos o pintor Ingres, amigo de Baudelaire que produzia uma arte classicista e mitológica, que agradava acadêmicos e burgueses, produzindo uma pintura com nudismo. A deficiência de Ingres na escrita e a sua falta de simpatia pelas letras, não foi um impedimento para o pintor retratar a cultura humana na França e a cultura erudita classicista que era admirada pelos doutos e cultos e com ausência de filosofismos, característica peculiar na literatura prosaica e poética de Baudelaire.

Delacroix foi outra figura que contribuiu com a história das artes francesas, assim como Ingres, exercitou a metafísica nas artes e envolveu-se também com as mulheres no sentido literal. Amante da música, Delacroix nutria uma sincera amizade por Chopin. Ele se deliciava com as composições de Chopin, admirava-o, porém Chopin, olhava as artes como uma cultura excêntrica, incluindo do pintor e amigo. O Modernismo ganhava força com Degas, Halévy e Manet, consolidando o impressionismo e o expressionismo na renascença francesa. O trabalho vanguardista dos escritores e pintores, não camuflava o lado sisudo, burguês de uma sociedade dúbia, ou seja, "civilizada" e profundamente obscura, causando estranheza de si mesma.

Os pintores desnudavam vestimentas das mulheres e desnudavam a alma de uma sociedade que construía uma nova identidade. Modernismo e arcaísmo encontravam-se entrelaçados na vida dos literatos, envolvidos com a escrita e com um narcisismo intelectual parisiense. Sainte-Beuve era um sisudo crítico literário das obras de Baudelaire, Flaubert e Stendhal por terem escrito obras denominadas imorais, desqualificando o trabalho intelectual deles e tentando ganhar uma visibilidade que não lhe

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

pertencia. As arestas existiam devido a excelência desses escritores na erudição, colocando-os à margem da cultura francesa e sempre com uma visão de decadência. Nietzsche menciona em uma carta: "É esta a *décadence*: uma palavra que, entre pessoas como nós, obviamente, não é uma condenação, mas uma definição". Baudelaire foi um modernista antiburguesia que, jocosamente, usou a metafísica para pintar o século XIX através das letras em um país que estreitou laços literários com o Brasil.

OS POETAS DO ROMANTISMO

A cultura poética é uma herança lusa que ganhou um significativo apressado durante o arcadismo brasileiro. Durante o romantismo, vários poetas surgiram pelo país, obtendo credibilidade e satisfazendo iaiás em saraus que ocorriam em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. A grande maioria encontrava-se na faixa etária dos 19 aos 25 anos, acadêmicos que estudavam Direito ou Medicina, usando a poesia para sensibilizar iaiás que ficavam encantadas com versos ingênuos ou ligeiramente pornográficos.

Castro Alves já era respeitado entre literatos e envolvia-se com duelos poéticos com Tobias Barreto em Recife e Salvador. O crítico literário Ubiratam Machado, um dos mais renomados historiadores literários do nosso tempo, cita o narcisismo de Castro Alves antes de sair de casa para participar dos duelos poéticos em meados dos oitocentos: "Tremei, pais de família, Don Juan vai partir!". Os sarais reunia a aristocracia urbana, pomposa e afrancesada, cultuando a literatura prosaica e poética, civilizando a nata da aristocracia brasileira. Esses encontros eram fundamentais para as jovens iaiás, prometidas com 16, 17 ou 18 anos para os ricos proprietários de terra ou políticos urbanos, mantendo bem viva, a cultura do patriarcalismo.

Ponto de encontro e importante evento social, os sarais serviam para os homens falarem de política e para as celebridades

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

literárias recitarem os seus poemas, como Gonçalves de Magalhães, Porto-Alegre, José de Alencar, Joaquim Nabuco, Castro Alves e Álvares de Azevedo. Um evento que não era regra, Tobias Barreto fez fortes e ácidas críticas, totalmente contrário aos saraus, sem nunca ter pisado em um salão e colocando as seguintes observações: "O canto, a dança, a maledicência, o jogo são ainda, por ora, as únicas ou pelo menos as preocupações preponderantes do salonismo brasileiro. O que entre nós se conversa é somente por amor da própria conversação que deste modo, como alvo em si mesma, não como meio de um fim superior, torna-se puro ruído e fumaça inútil" (MACHADO, Ubiratam, página 115).

A literatura poética pertencia aos jovens até a formatura. Depois de formados, transformavam-se, abdicando da poesia, colocada por muitos somente como um mero comportamento jovial, verdadeiros sonhadores que afogavam suas mágoas e desejos na literatura e no álcool. Fagundes Varela entregou-se ao conhaque, vinho e cachaça, afogando seus problemas na pauliceia desvairada e em uma amargura sem precedentes. Outros, como Casimiro de Abreu e Castro Alves, bebiam e envolviam-se com meretrizes refinadas, bancando-as e transformando-as em esposas ou com as escravas que percorriam vielas em São Paulo e no Rio de Janeiro, transmitindo para os jovens da arraia-miúda e com limitado contos de réis, sífilis.

Entre 1850 e 1860, nasce no Brasil os primeiros críticos literários, publicando em folhetins e jornais, observações literárias com uma certa parcialidade devido um certo laço de amizade com o escritor. Em algumas ocasiões, ocorriam críticas com um certo apelo político. Joaquim Manuel de Macedo era do Partido Liberal e abolicionista, tinha publicado dois livros durante o romantismo: "As vítimas-algozes" e "O mosquito", criticado ferozmente pelo monarquista, escravocrata e ministro José de Alencar. Os Sainte-Beuves tupiniquins não aceitavam a imoralidade literária, preocupados com o ceio da família patriarcal. Machado

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

de Assis também mostrou o seu lado como crítico literário, citando as obras *O primo Basílio* e *O crime do padre Amaro*, publicado no *O Cruzeiro* em 16 de abril de 1878. Machado de Assis escreveu que, a obra *O crime do padre Amaro* era uma imitação do escritor francês Zola, ou seja, que não estava fundando o realismo literário e colocando o êxito da obra *O primo Basílio* entre os literatos e leitores do Brasil, exaltando-a com riqueza e deferência.

A BURGUESIA NOS OITOCENTOS

Roberto Schwarz dimensiona a nova cultura "moderna" da burguesia capitalista e industrial que ganhava força no Brasil. A cultura escravocrata, agroexportadora e latifundiária era reforçada na literatura de José de Alencar. O escravo era a força motriz do sistema, sabido que era visto como mercadoria, colocado sempre em um plano inferior, algo bem diferente, na Roma Antiga. O historiador Sidney Chalhoub cita casos de libertos, que, mesmo com a alforria, eram novamente escravizados ilegalmente no século XIX.

Schwarz, com propriedade, coloca a literatura dos oitocentos como a verdade daquele tempo, com personagens ficcionais que alimentam a compreensão sobre as estruturas da realidade social, política, cultural e econômica entre o Romantismo e o Realismo no Brasil. O antagonismo faz parte do contexto literário de Alencar, com conflitos ideológicos, sendo ora liberal em seus escritos, como no caso da personagem Aurélia da obra *Senhora* que coisifica o próprio marido, colocando ela própria em uma condição social superior ao marido, mas por outro lado, José de Alencar era um fiel defensor da cultura patriarcal conservadora.

A literata e historiadora Heloísa Toller observa na literatura um discurso pejorativo e pernicioso nas obras de José de Alencar e o maniqueísmo presente nos escritores, como Joaquim Manuel de Macedo e Aluizio Azevedo na importante obra "*O cortiço*" sobre os aspectos físico, hierárquico e animalesco. Toda a produção literária olhava

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

o negro como um ser deplorável, monstruoso, mas ao mesmo tempo, olhava as negras com sensualidade e potencialmente sexual, com uma produção literária contraditória. O negro visto praticamente como um ser assexuado, que na visão de Luís Felipe de Alencastro, poderia comprometer a hierarquia patriarcal.

As primeiras obras de Machado de Assis, *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878) são obras que mostram o conformismo social e do pater família que blindava a aristocracia fluminense com a sua postura europeísta e poder econômico. O Brasil sentia as transformações no cenário político e econômico, sobretudo, com a intensificação do liberalismo diante de uma sociedade escravocrata e latifundiária e sob a cultura e o modelo anglo-francês em todo o século XIX. A pobreza é também cenário em sua obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, citando a pobreza do homem na condição de escravo e dos senhores em manter a escravidão dentro do ponto de vista de Brás Cubas e consolidando no Brasil a História do Realismo.

Um país que seguia um modelo econômico ruralista e arcaico, com um escravismo que colocava o país em uma condição vexatória. A modernização no pensamento intelectual obtém espaço com o darwinismo social e o Positivismo, ciências fundamentais para explicar o senso-comum e a tentativa de tirar o Brasil de uma inércia culturalmente industrial e moderna, glorificada pela burguesia norte-americana e europeia. Machado de Assis colocou também uma pitada de sensualidade em suas obras, como em *Iaiá Garcia*, *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas*, com um erotismo suave, quase imperceptível sobre a mulher, característica peculiar em alguns escritores franceses que influenciaram os nossos escritores, dentre eles, Flaubert e Baudelaire.

A sociologia webberiana é o olhar pertinente na literatura machadiana. Na concepção de Alfredo Bosi, uma hierarquia com dois olhares sobre a sociedade da época: o burguês escravocrata que

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

olhava os escravos e pobres com desdém e os escravos e pobres olhando os mais afortunados com inveja e ódio. As mulheres, muitas, eram vistas com indiferença perante a sociedade patriarcal e conservadora e exemplificado com a observação machadiana em Dom Casmurro com os seguintes dizeres que Capitu era apenas Capitu. Com a sua peculiar maestria, Machado de Assis desnudou a burguesia dos oitocentos, definida como polida, refinada e com ares de honradez, mas verdadeiramente, hipócrita e capitalista.

Diga-se de passagem, o capitalismo progressista ainda sofria resistência perante a sociedade escravocrata e conservadora. Os contos machadianos e suas obras mostram a dualidade patrimônio e matrimônio na aristocracia rural e no romantismo bem realista do escritor durante a segunda fase mais madura do Bruxo do Cosme Velho com uma burguesia urbana e laica. A modernização inquietante e paradoxal com a realidade torna-se caricatura com o Humanitismo de Quincas Borba. O cientificismo da virada dos séculos XIX e XX não democratizou o sistema, tão criticadas pelo escritor Lima Barreto e observada pelo Euclides da Cunha com Os Sertões, dimensionando o contra-senso da ordem e do progresso defendido em uma República que tinha Canudos com as mazelas sociais no Nordeste e na capital da república, Rio de Janeiro.

O IMPERADOR

A antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarz faz uma reflexão pertinente sobre a monarquia brasileira nos trópicos e o teatro que foi estabelecido tornando-se o centro do universo dos trópicos, colocando a cidade do Rio de Janeiro como a capital do Império Português após a transferência da corte em 1808. Schwarz define o cenário de transferência como uma nova "lógica de espetáculo", em que a corte traz para o Brasil, suas manifestações culturais como as missas de ação de graças, cerimônias realizadas pela corte, monumentos e procissões para reverter uma imagem de humilhação pós - saída de Portugal devido as invasões

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

napoleônicas e manter as atividades comerciais na África com o comércio de escravos e agrícola com os Estados Unidos e Europa.

Na madrugada de 2 de dezembro de 1825, nascia Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocácio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, o d. Pedro II, educado e devidamente preparado para substituir o seu pai, d. Pedro I e sob os cuidados do mordomo imperial Paulo Barbosa, cuidando do seu cotidiano e da sua educação, estudando inglês, francês, português e matemática e sempre rodeado das irmãs Francisca e Januária, desde cedo, de uma forma pomposa e erudita.

Chegando próximo da maturidade, d. Pedro II precisava de um casamento, tarefa que pertenceu à Bento Silva Lisboa, subordinado de um alto escalão da Corte, com a tarefa de encontrar uma Habsburgo europeia e não comprometida. Encontrou a desconhecida, mas nobre, Teresa Cristina. Sua vinda foi demorada, com uma viagem que durou 80 dias, mas seu casamento teve pompa, tendo escravos com danças típicas. D. Pedro demonstrava decepção com a sua esposa, vista por ele como feiosa. O Rio de Janeiro ganhava com o tempo, uma atmosfera mais civilizatória, tendo a Rua do Ouvidor como um pedacinho de Paris, com cafés, restaurantes, confeitarias e lojas com artigos chineses, ingleses e franceses. Teatros com peças de Molière e com requintes convidativos numa cidade que tentava "camuflar" a própria escravidão. Segundo o Almanak Laemmert, a Corte reunia em 1851, algo em torno de 110 mil escravos com 226 mil habitantes, ou seja, a maior concentração de escravos urbanos desde a Roma Antiga.

D. PEDRO E A CULTURA

O Imperador foi um mecenas no que se refere às atividades intelectuais e culturais no Brasil, ficando totalmente envolvido com o processo civilizatório, primeiramente, com a criação e participação do IHGB e da Academia Imperial de Belas-Artes. Pedro

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

definia-se como a própria ciência, parafraseando Luis XIV. Se o Rei da França dizia nos tempos do absolutismo "Eu sou o Estado", d. Pedro II dizia "Eu sou a ciência", com investimentos científicos em geologia, medicina, botânica, história, literatura e geografia, além de dedicar-se aos seus estudos mais íntimos. Ele dizia:

"Pretendo distribuir assim o tempo. Acordar às seis e até as sete estudando grego ou hebraico. Dez horas o almoço. Das doze às catorze exame de negócios e estudo. Jantar às cinco e meia e passeio. Das nove às onze escrita desse livro e dormir. Às sextas assisto as lições de inglês e alemão dadas às minhas filhas [...] Às terças-feiras Lusíadas das sete e meia às oito da noite. Quarta latim com minhas filhas. Quinta Lusíadas [...] Domingos e dias santos leituras de Lucena [...] das raízes gregas à noite. O tempo que não tem emprego será ocupado com leituras, conversas ou recebimento de visitas [...]". (SCHWARCZ, Lilia Moritz, página 230) Na Academia Imperial de Belas-Artes, d. Pedro II financiou atividades artísticas no Brasil e exterior, tendo como figura central, o índio. A arte pictórica também foi relevante no Romantismo e reforçava a identidade nacional e mais civilizatória, apesar do altíssimo nível de analfabetismo no país que dominou todo o século XIX.

CONCLUSÃO

O século XIX foi de extrema importância para a literatura brasileira que estava em construção nos oitocentos; século do Renascimento Francês, exercendo forte influência no Brasil em diversos segmentos. O teórico literário Paulo Franchetti cita o ano de 1836 como o marco para o Romantismo no Brasil, surgindo a produção literária de Gonçalves de Magalhães, Torres Homem e Porto-Alegre através da revista Nitheroy; Gonçalves de Magalhães colocou o indianismo como uma das forças motrizes da literatura brasileira e Gonçalves Dias tinha uma literatura poética voltada

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

para os nossos silvícolas, fundamentalmente, como uma figura exótica, mítica, sob forte influência do Romantismo europeu e com uma visão cultural medieval.

A literatura, como bem vimos nesta obra, era um passatempo da juventude acadêmica e boêmia da burguesia oitocentista; com inquietações típicas da época. Castro Alves seguia uma linha antiescravocrata, bem diferente de José de Alencar, escravocrata e monarquista convicto até apresentar arestas com d. Pedro II. Fagundes Varela era um literato bucólico, tendo como cenário, uma geografia bárbara ou arcaica, mas mantendo uma beleza poética em suas paisagens.

Sousândrade torna-se figura ímpar nos anos 60 do século XIX, com a obra mítica "Guesa", com crônicas sobre política, modernizando a literatura poética com invenções sintáticas e vocabulares. No final da década de 70 do mesmo século, Eça de Queirós publica a obra O primo Basílio como acontecimento para a dialética entre românticos e realistas. O Realismo surge impregnando os jornais e livros com o aspecto temático social e científico e a posteriori, o parnasianismo como uma linha antiromantismo, mas sem cientificismo. Machado de Assis teve um importante papel com uma crítica estável e com uma literatura realista, colocando suas obras como verdadeiros espelhos que refletiam os oitocentos.

A religião esteve também na literatura, opondo-se ao neoclassicismo pagão, com uma filosofia reta e como inspiração poética. A literatura se institucionalizou no século XIX com o ensino de retórica, poética, literatura geral e história da literatura portuguesa e brasileira. A institucionalização da literatura brasileira foi fundamental para as publicações das obras História da literatura brasileira de Silvio Romero e O Brasil literário de Ferdinand Wolf. No final dos anos de 1860, surgiram novos escritores que apresentavam uma literatura mais analítica e menos ufanista, como o próprio Machado de Assis, o

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

historiador Capristano de Abreu, Silvio Romero e José Veríssimo que foram fundamentais na consolidação da literatura como disciplina e Vanhagen construindo uma História do Brasil nada imparcial, totalmente pró - monarquia e escravista.

Após a independência política do Brasil em 1822, o objetivo da intelligentsia brasileira era construir a independência intelectual e a própria História do Brasil. Segundo o escritor Antônio Soares, a nossa literatura foi dividida em duas "eras": a "lusó-brasileira" do século XVI-XVIII e a "nacional" no século XIX ou como bem definiu Antônio Candido, que a "nossa literatura é galho secundário da portuguesa". Mesmo assim, a nacionalidade literária era discutida, como no caso do literato já citado nesta obra, José da Gama e Castro que apresentava os seguintes dizeres: [...]. Não há portanto literatura brasileira. Os literatos são brasileiros, porém a literatura é portuguesa, com uma clara rejeição de ambas as partes. Antônio Candido cita o desejo do brasileiro de ter a sua própria literatura, tentando colocá-lo como um aspecto orgânico da sociedade e prontamente consolidado com o trabalho desses escritores e do apoio de d. Pedro II, fomentando a cultura com o IHGB e com obras que são clássicos em língua portuguesa, tanto no Brasil, quanto em Portugal e perpetuados como heranças de um Brasil plural.

* * *

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

-ASSIS, Machado de, 1839-1908. O jornal e o livro. Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

-CARVALHO, José Murilo de, SANTOS, Adriana Pereira (organizadores). Perspectivas da cidadania no Brasil Império. J. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011;

AVL
Academia Volta-redondense de Letras

- GLEDSON, John. Machado de Assis: ficção e história. 2. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2003;
- MACHADO, Ubiratam. A vida literária no Brasil durante o Romantismo. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010;
- ASSIS, Machado de. Contos de Machado de Assis: política e escravidão. Rio de Janeiro: Record, 2008;
- FRANCHETTI, Paulo. As aves que aqui gorjeiam: a poesia brasileira do romantismo ao simbolismo. Cotia, SP. ed. Ateliê, 2007;
- NABUCO, Joaquim, 1849-1910. Que é o abolicionismo? Joaquim Nabuco; seleção de Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011;
- LEITE, Maria Odila. Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX. ed. Brasiliense, São Paulo, 1984;
- RIO, João do. A alma encantadora das ruas: crônicas. organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008;
- COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 1956;
- COUTINHO, Afrânio. A crítica literária Romântica, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1956;
- SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, ed. 34, 2000;
- SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, ed 34, 2000;
- BOSI, Alfredo. Brás Cubas em três versões: estudos machadianos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006;
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil [1870-1930] . São Paulo, Companhia das Letras, 1993;

AVL
Academia Volta-redondense de Letras

- GOMES, Heloísa Toller. As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2009;

- GRAMMONT, Guiomar de. Aleijadinho e o aeroplano: o paraíso barroco e a construção do herói nacional. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.